

Concentração empresarial nas exportações do complexo soja no Paraguai (2000-2016)

Business concentration in the exports of soybean complex in Paraguay (2000 - 2016)

Wellington Luciano dos Santos*

Valdemar João Wesz Junior**

Resumo

Nas últimas décadas, a produção de soja se tornou a principal atividade agrícola no Paraguai. O objetivo deste trabalho é mensurar o grau de concentração empresarial nas exportações do complexo soja (grão, óleo e farelo) e o poder de mercado das firmas entre 2000 e 2016 no Paraguai. Para tanto, teremos como base três indicadores: Market Share (MS), Relação de Concentração (RC) e Índice de Herfindahl-Hirschman (HHI), que serão calculados a partir dos dados obtidos junto à Direção Nacional de Aduanas (Ministério de Fazenda do Paraguai). Os resultados apontam que o complexo soja, setor com maior peso nas exportações paraguaias, depende fundamentalmente de um pequeno número de grandes empresas transnacionais.

Palavras-chave: mercado de soja; empresas transnacionais; comércio internacional; Paraguai.

Abstract

In recent decades, soybean production has become the main agricultural activity in Paraguay. The objective of this study is to measure the degree of business concentration in the exports of the soybean complex (grain, oil and meal) and the market power of firms between 2000 and 2016 in Paraguay. To do so, we will use three indicators: Market Share (MS), Concentration Ratio (RC) and Herfindahl-Hirschman index (HHI), which will be calculated from data obtained from the National Directorate of Customs (Ministry of Finance of Paraguay). The results show that the soybean complex, the sector with the greatest weight in Paraguayan exports, depends fundamentally on a small number of big transnational companies.

Keyword: soy market; transnational companies; international trade; Paraguay.

* Graduando em Ciências Econômicas - Economia, Integração e Desenvolvimento pela Unila, Universidade Federal da Integração Latinoamericana. E-mail: wld.santos.2016@aluno.unila.edu.br

** Professor adjunto da Unila, Universidade Federal da Integração Latinoamericana. E-mail: valdemarjunior@unila.edu.br

INTRODUÇÃO

O Paraguai se consolidou como um dos principais países produtores de soja do mundo, ocupando na safra 2017/18 a quinta posição em volume produzido (atrás de Estados Unidos, Brasil, Argentina e China) e a quarta colocação nas exportações de soja em grão (sendo superado por Brasil, Estados Unidos e Argentina) (USDA, 2018). Comparativamente aos outros países citados, é no Paraguai onde esta atividade é mais intensa, chegando a abranger mais de 70% das terras aráveis no verão (MAG, 2018), além de responder por 39% das exportações totais de 2017 (BCP, 2018), consolidando a soja como principal atividade agrícola do país.

Apesar desta grande centralidade que o complexo soja assumiu no Paraguai, há uma carência de estudos acerca dos principais atores envolvidos nesta cadeia produtiva¹. Procurando cobrir esta lacuna, o objetivo deste trabalho é mensurar o grau de concentração empresarial nas exportações do complexo soja (grão, óleo e farelo) no Paraguai entre 2000 e 2016. Esta pesquisa mostra-se relevante por identificar os atores por traz da principal atividade agropecuária do país e do setor com maior peso nas exportações, bem como seu respectivo poder de mercado.

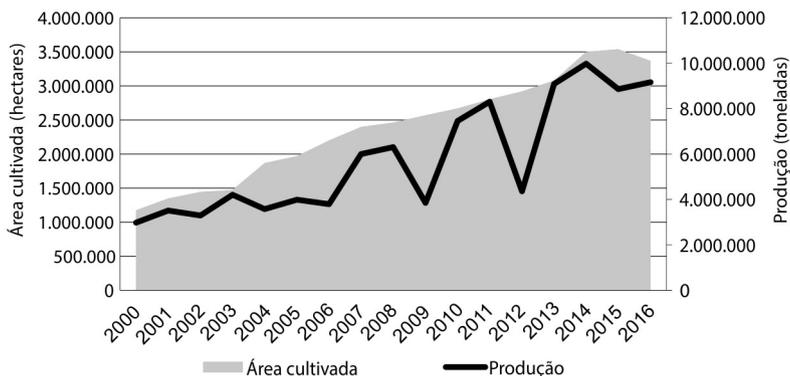
Além desta Introdução, o artigo está organizado em quatro itens. A próxima seção contextualiza a produção de soja no Paraguai, sua capacidade de industrialização e o destino dos subprodutos. Na sequência, apresentam-se os materiais e métodos do trabalho, focalizando no três indicadores que serão usados para mensurar o grau de concentração empresarial nas exportações do complexo soja: Market Share (MS), Relação de Concentração (RC) e Índice de Herfindahl-Hirschman (IHH). O item 4 traz os resultados do trabalho, que estão separados conforme os três produtos: óleo de soja, farelo de soja e soja em grão. Na seção 5 apresentam-se as Considerações Finais, sintetizando as principais conclusões do estudo.

PRODUÇÃO, INDUSTRIALIZAÇÃO E DESTINO DA SOJA NO PARAGUAI (2000-2016)

A soja foi introduzida no Paraguai em 1921, quando teve início seu plantio no país (BOSIO, 2015). Mas, até a metade do século XX, foi um cultivo pouco presente nas propriedades rurais. É a partir de 1970 que a oleaginosa ganha espaço, motivado principalmente pelo aumento da demanda e do preço no mercado internacional, pelo fortalecimento do modelo agroexportador estimulado durante a ditadura de Stroessner (1954-1989) e pelo estabelecimento de um grande número de agricultores brasileiros que se instalaram na região oriental do país (TORRES FIGUEREDO e MIGUEL, 2005; VÁZQUEZ, 2006; KLAUCK, 2011; GALEANO, 2012). Entre 1970 e o final dos anos 1990 a área plantada com soja passa de menos de 30 mil para mais de um milhão de hectares (FAOSTAT, 2018).

Entre 2000 e 2016, período de análise deste trabalho, a soja continuou se expandindo a passos largos no Paraguai, pois em 17 anos a produção triplicou, saltando de 2.980.060 para 9.163.030 toneladas, e a área cultivada teve um aumento de 286%, passando de 1.176.460 para 3.370.000 hectares no mesmo período (MAG, 2018). Conforme a Figura 1, a área apresenta um crescimento estável ao longo do período analisado (a desaceleração ocorre somente nos dois últimos anos), enquanto a produção tem variações entre as safras, derivada principalmente de fatores climáticos, como estiagem ou excesso de chuvas (Ferreira e Vázquez, 2015).

Figura 1 - Área cultivada (hectares) e produção (toneladas) de soja no Paraguai (2000-2016)



Fonte: MAG (2018).

O cultivo da soja para fins comerciais teve início no Departamento de Itapúa, expandindo-se posteriormente para o Alto Paraná. Na safra 1990/91 estas duas regiões, localizadas na divisa com Brasil e Argentina, respondiam por 80% da superfície cultivada. Já em 2000 o departamento de Canindeyú, que também está na fronteira com o Brasil, se soma a Itapúa e Alto Paraná e os três passam a representar 83% da área. Nos anos seguintes se intensifica o avanço da soja para outras regiões do Paraguai, como os departamentos de Caaguazú, San Pedro, Caazapá, Misiones, Guairá, Concepción e Amanbay. Na safra 2015/2016, Alto Paraná, Itapúa e Canindeyú continuam líderes no cultivo, mobilizando aproximadamente dois terços de toda superfície de soja do país (MAG, 2018), mas é possível perceber, em paralelo, presença em outros departamentos (Figura 2).

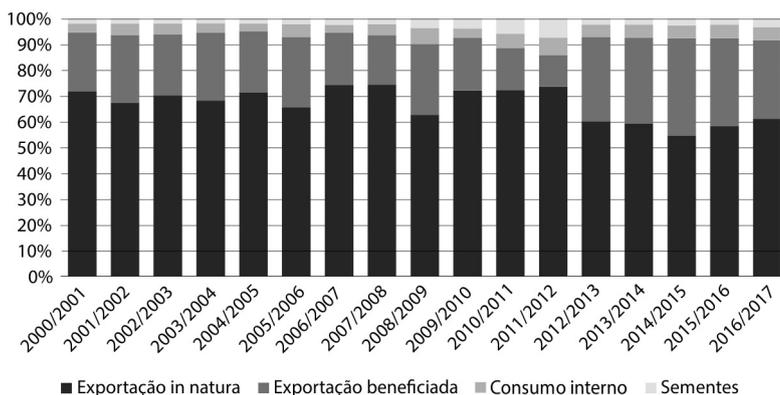
Em termos de capacidade instalada de processamento de soja no Paraguai, não houveram muitas variações do início dos anos 2000 até 2012, ficando entre 6 a 7 mil ton./dia (BCR, 2018). Naquele momento a americana Cargill era quem detinha maior capacidade de industrialização (3.000 ton./dia), mas também atuavam no setora ContiParaguay (750 ton./dia), pertencente ao grupo belga Continental Grain Company e parceira da anglo-holandesa Unilever; a Aceites y Derivados - Adesa (650 ton./dia),

Em 2013 ocorre um grande salto na capacidade instalada com a inauguração de novas e grandes unidades, visto que tem início as operações industriais da americana ADM (3.300 ton./dia), além da inauguração do Complexo Agroindustrial Angostura – Caiasa (4.000 ton./dia), que foi formado a partir de uma aliança estratégica entre a LDC, a americana Bunge e a Copagra (pertencente a empresa argentina Aceitera General Deheza - AGD). Além disso, outras indústrias que já estavam em operação ampliam suas estruturas, como a Oleaginosa Raatz (que passou de 400 para 1.200 ton./dia) e a ContiParaguay (que ampliou de 750 para 1.000 ton./dia) (BCR, 2018; CAPPRO, 2018). Após 2013 a capacidade nacional de processamento de sojase estabiliza novamente, com pequenas variações entre 14 e 15 mil ton./dia, sendo utilizado em torno de 70% da capacidade total (CAPPRO, 2018).

O principal destino da soja paraguaia é a exportação. Conforme a Figura 3, a exportação da soja *in natura* ficou sempre próxima dos 70% até 2012/13, quando cresce a capacidade instalado no país, como visto acima. Da soja destinada à indústria, grande parte dela também segue para o mercado externo como óleo ou farelo. Se somar a exportação total da soja (*in natura* e processada) nos últimos 17 anos (entre 2000/01 e 2016/17), ela atinge mais de 92,2% de toda produção paraguaia, sendo que 65,5% seguiu em grão (sem processamento) e 26,7% foi industrializada (como óleo e farelo), restando 3,1% para semente e 4,7% para consumo interno (sobretudo via farelo). Neste período o óleo foi quem apresentou maior crescimento nas exportações do complexo soja (469%), seguido do farelo (260%) e da soja em grão (152%) (CAPECO, 2018).

Considerando esse contexto, pode-se afirmar que para compreender o poder de mercado das empresas envolvidas com o comércio da soja, é fundamental se centrar nas exportações, visto que o mercado interno tem um peso relativamente pequeno (além de uma carência de dados).

Figura 3 – Destino da soja no Paraguai (2000/2001 – 2016/2017)



Fonte: Capeco (2018).

MATERIAL E MÉTODOS

Para mensurar concentração empresarial e poder de mercado, teremos como base três indicadores: *Market Share* (MS), Relação de Concentração (RC) e Índice de Herfindahl-Hirschman (IHH). Além de serem usados em análises de diferentes setores industriais, tratam-se dos índices mais frequentes nas pesquisas sobre mercados agroalimentares, inclusive na cadeia produtiva da soja (CARVALHO, 2004; CARVALHO E AGUIAR, 2005; COSTA, 2012; GUERRERO, 2014; STAEVIE, 2017, entre outros).

O *Market Share* (MS) é expresso pela porcentagem de uma empresa *x* sobre um determinado mercado *T*, e se calcula a partir da capacidade de produção (ou outra variável) de uma empresa, sobre a capacidade total de produção (ou outra variável), no modo que:

$$MS = \frac{x \times 100}{T}$$

O resultado alcançado indica quanto uma empresa controla de determinado setor, ou, em outras palavras, explicita o seu grau de poder sobre um mercado específico, indicando o valor de sua participação.

A Relação de Concentração (RC_E) - que em alguns textos também aparece como Razão de Concentração (CARVALHO, 2004; SEDIYAMA, et al., 2013) ou Taxa de Concentração (CARVALHO E AGUIAR, 2005) - é expresso a partir da soma da participação das maiores empresas em determinado mercado, comparando com o total expresso de todas as empresas do mesmo:

$$RC_E = \sum_{j=1}^n ms$$

Nesta fórmula, a variável "MS" corresponde à participação de mercado (*Market Share*) e o "E" corresponde ao grupo de maiores empresas. Neste caso, "um $k = 4$ representa a soma das fatias de mercado das quatro maiores empresas e assim sucessivamente" (COSTA, 2012, p. 46). Embora seja quatro o número de firmas geralmente consideradas (RC_4), este mesmo cálculo pode considerar qualquer número de firmas (como CR_8 , CR_{10} , etc.). Para confirmar a existência de um mercado concentrado, os resultados serão analisados sobre critérios pré-definidos por Medeiros e Reis (1995) e Fraga e Medeiros (2005), expressos no Quadro 1.

Já o Índice de Herfindahl-Hirschman (IHH) é calculado a través da soma dos quadrados da participação de determinadas empresas, o MS:

$$IHH = \sum_{i=1}^n MS^2$$

O resultado pode variar de 0 a 10.000, sendo 0 um mercado em que se tem a concorrência perfeita, e 10.000 quando há um monopólio. Entre estes extremos,

são estabelecidas faixas de valores para identificar diferentes graus de concentração. Nos estudos sobre o mercado da soja, “si el Índice arroja un resultado inferior a 1.000, se trata de un sector competitivo; si el resultado se encuentra entre ese valor y 1.800, se trata de un sector medianamente concentrado y, por último, si el valor supera los 1.800 el sector presenta características de elevada concentración” (GUERRERO, 2014, p. 34/35).

Quadro 1 – Índices de concentração a partir do RC_4

Níveis de Mercados	Relação de Concentração (RC4)
Altamente concentrado	$RC4 > 75\%$
Alta concentração	$65\% < RC4 < 75\%$
Concentração moderada	$50\% < RC4 < 65\%$
Baixa concentração	$35\% < RC4 < 50\%$
Ausência de concentração	$RC4 < 35\%$
Claramente atomístico	$RC4 < 2\%$

Fonte: Medeiros e Reis (1999) e Fraga e Medeiros (2005).

Vale destacar que o uso destes três diferentes índices de concentração ocorre pela complementaridade entre eles. Enquanto o MS exprime partes isoladas/individual na participação de mercado, o RC possibilita uma percepção das firmas líderes, abrangendo um determinado grupo e calculando a participação desse grupo com relação ao total do mercado. O IHH, por sua vez, permite atribuir um peso maior às empresas com mais poder de mercado, enfatizando suas implicações para a concorrência.

A base de dados usada na análise refere-se às exportações do complexo soja (óleo, farelo e em grão) para o período de 2000 a 2016, a qual foi obtida junto à Direção Nacional de Aduanas, pertencente ao Ministério de Fazenda do Paraguai. Vale apontar que os dados disponibilizados estão em quilo (no caso do farelo e do grão) e litro (no caso do óleo), visto que não é possível obter os valores monetários em virtude da Lei nº 444/1994. E, para compreender as principais dinâmicas deste mercado, foram realizadas entrevistas com representantes das duas entidades de representação do setor: Câmara Paraguaia de Exportadores e Comercializadores de Cereais e Oleaginosas (Capeco) e Câmara Paraguaia de Processadores de Oleaginosas e Cereais (Capro).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Iniciaremos a análise com a concentração empresarial nas exportações de óleo de soja, seguindo com o farelo e, finalmente, como as exportações *in natura*.

EXPORTAÇÃO DE ÓLEO DE SOJA

Entre 2000 a 2016 aparecem na lista 16 empresas que, pelo menos em um dos anos, exportaram óleo de soja no Paraguai. Entretanto, apenas duas (Cargill e ContiParaguay) atuaram de forma contínua neste segmento. Conforme a Tabela 1, entre 2000 e 2012 há uma grande disparidade entre as empresas que exportavam óleo de soja, visto que estava extremamente concentrado na Cargill, que neste período era líder absoluta. Nestes 13 anos, apesar das variações no volume comercializado no exterior, Cargill sempre controlou mais de dois terços do total. Os índices seguem sem muitas variações até o ano de 2012, quando o domínio quase que absoluto da Cargill chega ao fim devido à entrada de outras firmas neste mercado.

Entre as empresas que entraram no mercado do óleo de soja em 2013, a ADM foi quem obteve maior destaque, visto que em 2012 nem aparecia nesta estatística e no ano seguinte já passou a controlar 30,4% das exportações do setor, consolidando-se como líder entre 2014 e 2016. Nestes anos a Cargill fica na segunda colocação e a LDC na terceira posição, cujo óleo provem tanto da sua indústria própria (Mercantil Comercial) como da sua participação no Caiasa. Bunge e Copagra, que também participam da *joint venture* Caiasa, completam as cinco primeiras posições. Em 2016, ADM, Cargill, Dreyfus e Bunge foram as empresas com maiores volumes exportados. Estas firmas, que têm sido reconhecidas como ABCD pela coincidência das suas iniciais, constituem-se em um pequeno grupo de grandes empresas transnacionais que dominaram 90% das exportações de óleo de soja no Paraguai em 2016 (Tabela 1).

Em relação aos índices, o momento mais extremo foi em 2007 e 2008, com a Cargill dominando 95% das exportações, o que gerou um IHH de 9.000 - sendo que acima de 1.800 já se considera elevada concentração. Apesar da perda da liderança absoluta da Cargill em 2013 e da entrada de novas empresas nos últimos anos, os índices, ainda que tenham tido alguma redução², indicam a permanência de um mercado altamente concentrado, visto que o RC_4 tem se mantido acima de 80% e o IHH superior a 1.800 nos 18 anos considerados (Tabela 1).

Tabela 1 – Concentração (MS, RC₄ e IHH) das empresas exportadoras de óleo de soja no Paraguai (2000 - 2016)

Empresas	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Adesa	-	0,6	5,0	5,6	3,3	1,6	-	-	-
ADM	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bunge	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cargill	72,7	81,2	69,0	81,0	87,6	90,8	93,7	95,1	94,7
Copagra	-	-	-	-	-	-	-	-	-
ContiParaguay	27,3	14,1	17,7	4,6	8,6	7,6	6,3	4,6	4,0
LDC	-	-	-	-	-	-	-	-	0,8
CCU	-	2,5	0,9	2,2	0,5	-	-	0,4	0,5
Oleag. Raatz	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Multigranos	-	1,2	7,5	6,6	-	-	-	-	-
Outros	-	0,4	-	-	-	-	-	-	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
RC4	100,0	99,0	99,1	97,8	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
IHH	6.031	6.805	5.150	6.663	7.763	8.286	8.813	9.060	8.978
Empresas	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	
Adesa	-	-	-	-	1,8	-	-	-	
ADM	-	-	-	-	30,4	32,4	25,8	31,0	
Bunge	-	-	-	-	8,0	9,9	12,2	13,5	
Cargill	87,0	82,8	77,6	68,0	36,3	21,8	25,0	27,6	
Copagra	-	-	-	-	8,0	18,0	13,2	4,6	
ContiParaguay	5,9	6,5	7,1	4,7	0,4	3,1	2,5	2,5	
LDC	6,2	9,9	12,8	25,9	13,6	13,3	17,0	17,2	
CCU	-	-	0,8	-	0,5	1,1	0,7	0,0	
Oleag. Raatz	0,1	0,8	1,6	1,4	1,0	0,6	2,9	3,5	
Multigranos	-	-	-	-	-	-	-	-	
Outros	0,8	-	0,2	-	-	-	0,8	-	
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
RC4	99,9	100,0	99,0	100,0	88,2	85,4	80,9	89,4	
IHH	7.637	7.003	6.231	5.313	2.557	2.129	1.917	2.245	

EXPORTAÇÃO DE FARELO DE SOJA

Os dados acerca da exportação de farelo de soja têm similaridades com o que foi apresentado acima, pois ambos (farelo e óleo) são subprodutos do grão e o processamento ocorre nas mesmas plantas industriais. Uma diferença refere-se ao fato de que há um consumo interno maior de farelo do que de óleo no Paraguai (CAPECO, 2018). Além disso, como comentou o representante da Cappro durante a entrevista, as empresas direcionam volumes diferenciados para o mercado doméstico e internacional, sendo que algumas priorizam a vendas dentro do país e outras estão mais focadas na exportação.

Nos anos iniciais a Cargill manteve uma estrutura de mercado praticamente monopolista, controlando 97,9% e 94,5% em 2000 e 2001, respectivamente. E esse percentual se manteve a níveis elevados (geralmente acima de 80%) até 2012, ainda que com momentos de oscilação. Nos primeiros anos também estavam presentes a Adesa, cujo maior percentual alcançado foi de 13,3% em 2002, e a Multigranos, que obteve 9,5% como maior valor da série em 2003, mas ambas deixam de atuar neste mercado posteriormente. Além dessas, faziam-se presentes no início dos anos 2000 a Cooperativa Colonias Unidas (CCU) e a ContiParaguay, que continuaram atuando nos anos seguintes. Apesar da Cooperativa nunca ter obtido um valor superior a 5,2% das exportações, a ContiParaguay teve papel de destaque entre 2002 e 2012, assumindo a segunda colocação na maioria dos anos - com uma média de participação de 10% nesse período (Tabela 2).

Assim como ocorreu no óleo de soja, outras empresas entram neste mercado em 2013 após inaugurarem suas plantas industriais, e o domínio quase que unânime da Cargill é afetado, com ADM assumindo a primeira posição. Entre 2014 e 2016, ABCD foram as empresas com maiores volumes exportados de farelo no Paraguai, tendo um controle médio de 80% nestes três anos. Nesse mesmo período a Copagra mantém uma participação crescente (passou de 6,7% para 12,6% entre 2013 e 2016), enquanto ContiParaguay, Oleaginosas Raatz, Cooperativa Colonias Unidas e Araguany têm uma participação menor, inferior a 4% (Tabela 2).

Como pode se visualizar na Tabela 2, o IHH das exportações de farelo de soja apresenta uma tendência a "descentralização" da concentração, pois os índices iniciam em 9.583 em 2000 e terminam em 1.836 em 2016. No RC_4 é possível confirmar essa situação, pois até 2012 a parcela das 4 maiores empresas não havia baixado 96% e depois desse ano começa haver uma queda progressiva, que vai de 89% em 2013 e termina em 78% em 2016. Entretanto, apesar de haver uma maior paridade entre as firmas ABCD nas exportações de farelo de soja, este mercado ainda é classificado como altamente concentrado ($RC_4 > 75\%$; $IHH > 1.800$).

Tabela 2 – Concentração (MS, RC₄ e IHH) das empresas exportadoras de farelo de soja no Paraguai (2000 - 2016)

Empresas	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Adesa	-	0,3	13,3	12,6	5,2	1,7	-	-	-
ADM	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bunge	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Cargill	97,9	94,5	72,9	61,8	80,2	83,5	84,2	89,2	89,7
Copagra	-	-	-	-	-	-	-	-	-
LDC	-	-	-	-	-	-	-	-	-
CCU	2,1	5,2	4,2	3,9	2,7	3,1	3,2	1,6	1,7
ContiParaguay	-	-	7,0	12,4	11,6	11,6	12,6	8,2	8,3
Multigranos	-	-	2,6	9,5	0,4	-	-	-	-
Oleag. Raatz	-	-	-	-	-	-	-	0,9	0,3
Outros	-	-	0,1	-	-	-	-	-	-
Total	100,0								
RC4	100,0	99,7	97,3	96,1	99,6	100,0	100,0	100,0	99,7
IHH	9.584	8.959	5.566	4.230	6.594	7.124	7.252	8.033	8.123
Empresas	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	
Adesa	-	-	-	-	0,1	-	-	-	
ADM	-	-	-	-	36,7	33,4	30,4	25,2	
Bunge	-	-	-	-	6,6	10,9	12,2	13,0	
Cargill	84,7	74,4	73,8	54,5	32,9	24,4	21,4	24,5	
Copagra	-	-	-	-	6,7	10,9	11,9	12,6	
LDC	4,2	9,8	11,5	25,9	12,6	14,1	15,9	15,7	
CCU	0,3	1,3	-	0,2	0,3	0,6	0,9	0,8	
ContiParaguay	10,2	11,8	11,6	14,0	2,9	4,4	3,6	3,3	
Multigranos	-	-	-	-	-	-	-	-	
Oleag. Raatz	0,6	2,5	3,2	5,3	1,2	1,2	2,3	3,4	
Outros	0,0	0,1	-	-	-	0,1	1,4	1,4	
Total	100,0								
RC4	99,7	98,6	100,0	99,8	88,9	82,8	79,7	78,4	
IHH	7.300	5.786	5.723	3.867	2.684	2.170	1.948	1.836	

Fonte: Aduanas (2017).

EXPORTAÇÃO DE SOJA EM GRÃO

As exportações de soja em grão apresentam um perfil um pouco diferenciado, com uma concentração menor quando comparado ao óleo e farelo e com número muito maior de empresas envolvidas. Enquanto nos últimos anos a exportação de produtos industrializados sempre teve menos de 10 firmas listadas, no caso das vendas sem beneficiamento esta cifra ficava, em média, acima de 50 empresas. E nas exportações *in natura* a firma líder foi a ADM, que apesar de ter entrado no segmento de processamento apenas em 2013, já atuava no setor de comércio de grãos desde 1997, quando adquiriu duas companhias com grande importância no país (Agrocereales y Silo Amambay), o que possibilitou que entrasse no mercado já com uma capacidade muito alta de origem (SOUCHAUD, 2008).

A segunda colocação, em geral, ficou com a Cargill entre 2000 e 2012, quando assume a liderança entre 2013 e 2015, visto que a ADM passa a industrializar no país parte da sua soja. As demais colocações variavam conforme os anos, tendo uma atuação importante entre 2000 e 2005 a Multigranos, Agrorama, Cooperativa Colonias Unidas, Agroexportadora Trebol, Agilisa e Agro Guarani. Também teve presença contínua as empresas do Grupo Favero, do brasileiro Tranquilo Favero, sobretudo Agro Silo Santa Catalina. Já na segunda metade dos anos 2000, Bunge e LDC ganham espaço, além da asiática Noble e da Argentina Vicentin.

Apesar de algumas oscilações de posições entre os anos, até o ano de 2014 foi marcante a influência das empresas ABCD, geralmente controlando mais de dois terços desse mercado. Mas, nos últimos anos, quem vêm aumentando seu espaço é a Cofco, empresa de capital chinês que em 2014 adquiriu duas importantes companhias (Noble e Nidera), e a Sodrugestvo, firma de origem russa que entrou no país em 2014, quando estabeleceu uma *joint venture* com os acionistas da Gimenez Family, proprietários da maior cadeia de terminais portuários do Paraguai. Como pode ser visualizado na Tabela 3, em 2016 a Cofco se torna, pela primeira vez, a empresa líder na exportação de soja em grão no Paraguai (com 15,1%), seguido pela Cargill (14,1%), ADM (12,1%) e Sodrugestvo (11,7%). Também continuam presentes Bunge, LDC, Grupo Favero, CCU e Vicentin, além de constarem nos últimos anos Francisco Vierci, CHS, Amaggi, Agrofertil, Lar, Dekalpar, entre outros.

Ao se tratar de índices, é possível perceber uma desconcentração, pois o IHH passou de 3.173 para 882 entre 2000 e 2016 e o poder de mercado das 4 maiores empresas diminuiu de 96%, que é considerado altamente concentrado, para 53%, avaliado como concentração moderada (Tabela 3). Contudo, nos últimos anos os valores de exportação da soja em grão estão camuflados porque houve uma mudança tributária no país (Lei 5.061/2013). A partir de então, aquelas firmas que exportam tem a devolução de metade do Imposto sobre Valor Agregado (IVA) – que caiu de 5% para 2,5%. Conforme entrevista com representante da Capeco, algumas empresas que revendem seus produtos para outras, passam a exportar porque “solamente

devuelve la mitad [del IVA] al los que figuran como exportador. Si hablamos de una reventa, y ella vende su producción a una empresa m y esta exporta, entonces el que recupera [el impuesto] es la de m , no la reventa”.

Com isso, muitas empresas menores (sobretudo revendas de insumos e armazéns) passaram a levar sua produção até os portos para receber a restituição do imposto, mas no próprio porto elas comercializam sua safra para as grandes transnacionais, que são efetivamente quem exporta a soja *in natura*. Mas, como os dados da Direção Nacional de Aduanas referem-se à empresa que ingressa com a produção nos portos, não é possível captar as transações posteriores (chamadas de “destino final”). Se fosse disponível o acesso a estes últimos dados, muito provavelmente os índices indicariam uma concentração maior de 2014 em diante³.

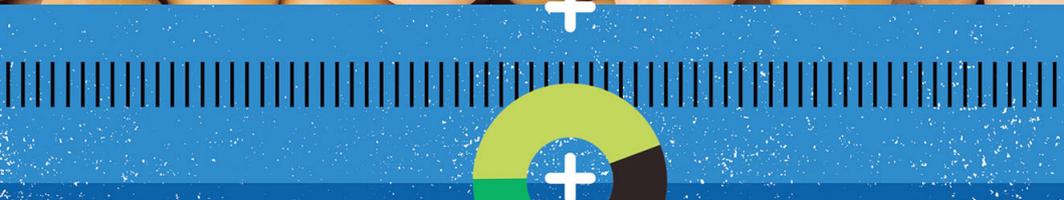


Tabela 3 – Concentração (MS, RC₄ e IHH) das empresas exportadoras de soja em grão no Paraguai (2000 - 2016)

Empresas	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
ADM	45,9	44,9	42,0	32,0	38,1	21,4	37,9	29,4	32,6
Cargill	22,9	24,8	27,6	17,7	20,1	19,6	14,0	11,2	11,7
Multigranos	22,6	7,7	4,3	10,4	11,2	0,8	-	-	-
Agro. Trebol	5,1	3,1	2,4	2,3	-	-	-	-	-
Grupo Favero	-	6,4	8,3	5,7	3,8	2,7	3,0	3,8	6,9
Agrorama	-	3,1	2,5	8,0	3,6	2,0	1,4	0,4	0,3
CCU	1,9	3,3	2,9	3,5	3,1	1,7	1,3	0,8	0,5
Agilisa	-	-	-	1,4	6,4	-	-	-	-
Agro Guarani	-	-	-	0,1	0,5	27,5	2,1	-	-
Vincentin	-	-	-	-	-	8,2	7,0	7,9	8,6
Cofco	-	0,0	-	-	-	0,9	4,4	7,5	6,4
LDC	-	-	-	-	0,1	2,9	8,6	9,8	8,9
Bunge	-	-	-	-	-	-	1,9	18,8	15,3
Franc. Vierci	-	-	-	-	-	1,0	1,8	1,5	1,6
Outros	1,6	6,8	10,1	18,9	13,2	11,4	16,7	8,8	7,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
RC4	96,6	83,8	82,2	68,0	75,8	76,6	67,4	69,3	68,5
IHH	3.173	2.766	2.650	1.596	2.076	1.702	1.826	1.589	1.680
Empresas	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	
ADM	44,0	25,7	27,1	26,8	15,4	13,7	13,1	12,1	
Cargill	6,8	23,4	17,0	19,9	24,6	16,9	16,9	14,1	
Grupo Favero	5,1	4,9	6,8	5,8	6,3	7,1	7,6	3,8	
CCU	2,1	0,8	0,1	0,1	0,9	4,3	4,2	5,2	
Vincentin	3,4	4,7	5,3	2,9	6,0	4,0	3,7	4,9	
Cofco	8,9	8,2	9,6	10,5	11,1	10,2	11,2	15,1	
Bunge	11,0	12,2	10,3	11,1	7,2	4,3	3,8	4,1	
Franc. Vierci	3,3	3,1	2,5	3,2	3,0	3,3	5,9	2,5	
CHS	-	-	-	-	2,6	2,6	1,7	4,5	
Sodrugestvo	-	-	-	-	-	-	7,5	11,7	
Outros	9,3	10,8	13,8	14,2	15,4	26,2	21,6	16,5	
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	
RC4	70,7	69,5	64,0	68,2	58,5	48,2	48,8	53,0	
IHH	2.290	1.532	1.376	1.449	1.183	800	834	882	

Fonte: Aduanas (2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa mostraram que de 2000 a 2016 houve um grande crescimento nas exportações do complexo soja. Enquanto que inicialmente a Cargill era a empresa que controlava grande parte do mercado de óleo e farelo, e estava na segunda colocação nas vendas internacionais de soja em grão (que eram lideradas pela ADM), nos últimos anos outras líderes globais (LDC e Bunge, e mais recentemente Cofco e Sodrugestvo) vão se estabelecer neste mercado, além de algumas firmas regionais (sobretudo brasileiras, como Amaggi e Lar, e argentinas, como Vicentin e Copagra/AGD) e locais.

Apesar do ingresso de novas companhias, o mercado de óleo e farelo segue altamente concentrado ($RC_4 > 75\%$; $IHH > 1.800$), sobretudo nas firmas ABCD, além da Copagra (que também é sócia no Caiasa). Isso tem desestimulado a manutenção de empresas menores neste mercado, como pode ser visualizado em três casos específicos: a Adesa, que nos últimos anos restringiu seus produtos ao mercado doméstico, encerra em definitivo suas atividades de processamento em 2015; a Cooperativa Colonias Unidas deixa de exportar produtos agroindustrializados em 2017, destinando óleo e farelo exclusivamente ao mercado interno e ampliando as exportações em grão; a ContiParaguay deixou de operar sua indústria no início de 2018 e passou a comprar óleo cru das empresas líderes, focalizando sua atuação no mercado interno de produtos finais (óleo vegetal, margarina e detergente).

No caso da soja em grão, os índices referentes aos anos mais recentes vão indicar concentração moderada (RC_4) e mercado competitivo (IHH). Entretanto, como comentado acima, os valores podem estar subestimados, pois muitas empresas menores ingressam com a produção nos portos, para obter a devolução do IVA, mas quem efetivamente exporta a soja *in natura* são as líderes globais que dispõem de infraestrutura logística.

Apesar dos índices e das primeiras colocações apresentarem alguma variação conforme o ano e o subproduto, pode-se dizer que a principal atividade agropecuária do país e o setor com maior peso nas exportações paraguaias depende fundamentalmente de um pequeno número de grandes empresas transnacionais. E, além de sua importância específica no complexo soja, as empresas ABCD e Cofco, por exemplo, estão entre as maiores exportadoras do país em termos gerais. Em 2011 e 2013, por exemplo, estas cinco companhias foram responsáveis por mais da metade do valor das exportações totais do Paraguai, com a Cargill na liderança geral (ADUANA, 2017).

Notas

¹ Uma exceção é o livro “Actores del Agronegocio en Paraguay” de Rojas Villagra (2009).

² O valor mais baixo foi em 2015, quando o RC₄ chega a 80% e o IHH a 1.917.

³ Esta hipótese surgiu a partir dos dados disponibilizados pela Capeco, para o período de janeiro a setembro de 2016, que refere-se à soja em grão exportada até o “destino final”. Segundo essa fonte, as quatro maiores firmas exportadoras – Cofco (Noble + Nidera), Cargill, Sodrugestvo e ADM – tinham o controle de 64% deste mercado (ABC Color, 2016), enquanto que nos dados de Aduana o valor é menor (53%) para o mesmo período.

Referências

ABC COLOR. Rusia llegó para liderar negocio de la soja, y se espera a China. 2016. Disponível em: <<https://bit.ly/2kwF7kk>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

ADUANA - Dirección Nacional de Aduanas. (2017). Informes Estadísticos. Disponível em: <<https://bit.ly/2lY4Gel>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BCP – Banco Central del Paraguay. (2017). Estadísticas. Estadísticas Económicas. Disponível em: <<https://www.bcp.gov.py/estadisticas-economicas-i364>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BCR – Bolsa de Comercio de Rosario. Publicaciones - Informativo Semanal. Disponível em: <<https://www.bcr.com.ar/Pages/Publicaciones/infoboletinsemanal>>. Acesso em: 28 abr. 2018.

BOSIO, B. Pedro Nicolás Ciancio y la soja en el Paraguay. Estudios Paraguayos, v. XXXI - XXXII, n. 1 e 2, p. 85-104, 2015.

CAPECO – Cámara Paraguaya de Exportadores y Comercializadores de Cereales y Oleaginosas. (2018). Estadísticas. Disponível em: <<http://capeco.org.py/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

CAPPRO – Câmara Paraguaia de Processadores de Oleaginosas e Cereais. Estadísticas. Disponível em: <<http://cappro.org.py/estadisticas>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

CARVALHO, H.; AGUIAR, D. R. D. Concentração de mercado e poder de monopólio na indústria brasileira de esmagamento de soja. *Revista de Economia e Agronegócio*, v. 3, n. 3, p. 323-348, 2005.

CARVALHO, H. Poder de mercado na indústria brasileira de esmagamento de soja. 2004. 60F. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Economia aplicada, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2004.

COSTA, L. Concentração de mercado e fluxo de exportações da cadeia produtiva da soja no Brasil, 2012. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Agrárias. Universidade Federal Rural da Amazônia/EMBRAPA Amazônia Oriental, 2012.

FAOSTAT – División de Estadísticas de la FAO. (2016). Estadísticas generales. Disponível em: <<http://faostat.fao.org/>>. Acesso em: 30 março. 2018

FERREIRA, M; VÁZQUEZ, F. *Agricultura y desarrollo en Paraguay*. Asunción: Union de Gremios de la Producción, 2015.

FRAGA, G. J.; MEDEIROS, N. H. A indústria de esmagamento na região de expansão da soja: uma releitura dos índices HHI e CR4. Anais do VIII Encontro de Economia da Região Sul – Anpec Sul, Porto Alegre, 2005.

GALEANO, L. A. *El caso del Paraguay*. FAO (Org.). Dinámicas del mercado de la tierra en América Latina y el Caribe: concentración y extranjerización. Roma: FAO, 407-434. 2012.

GUERRERO, R. A. Concentración exportadora en el complejo sojero argentino (1996-2010). *Revista de Economía y Comercio Internacional*, ano IV, n. 4, p. 25-44, 2014.

INBIO – Instituto de Biotecnología Agrícola. Estimación de superficies. 2016. Disponível em: <http://www.inbio.org.py/biblioteca/estimacion_de_superficies>. Acesso em: 20 abril 2018

KLAUCK, R. C. A luta dos brasiguaios pelo acesso à terra no Paraguai (1970-1980). In: Congresso Internacional de História, 2011. Maringá. Anais. Maringá, 2011 p. 871-882.

MAG – Ministerio de Agricultura y Ganadería. (2017). Series Históricas de Cultivos Temporales. 2018. Disponível em: <<http://www.mag.gov.py>>. Acesso em: 29 março 2018.

MEDEIROS, N. H.; REIS, S. V. dos. Competitividade e concentração industrial na cadeia alimentar da soja. In: Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural. Foz do Iguaçu, 1999.

ROJAS VILLAGRA, L. *Actores del agronegocio en Paraguay*. Asunción: BASE-IS, 2009.

SEDIYAMA, A. F. et al. Análise da estrutura, conduta e desempenho da indústria processadora de soja no Brasil no período de 2003 a 2010. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 51, n. 1, p. 161-182, 2013.

SOUCHAUD, S. *Geografía de la migración brasileña*. Asunción: Fondo de Población de las Naciones Unidas, 2007.

STAEVIE, P. M. Origem, evolução tecnológica e concentração na indústria sul-riograndense de processamento de soja. In.: Anais do XII Congresso Brasileiro de História Econômica & 13ª Conferência Internacional de História de Empresas, 2017. p.1-19.

TORRES FIGUEREDO, O.; MIGUEL, Lovois de A. Agricultura, meio ambiente e desenvolvimento rural: o IIº Departamento de San Pedro, Paraguai. In: XLIII Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 43, 2005, Ribeirão Preto. *Anais...* Ribeirão Preto. SOBER, 2005. p.1-18.

USDA – Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. (2018). Data and Statistics. Disponível em: <<http://www.usda.gov/wps/portal/usda/>>. Acesso em: 23 abril. 2018

VÁZQUEZ, Fabricio. *Territorio y Población: nuevas dinámicas regionales en el Paraguay*. Asunción. Serie Investigaciones – Población y Desarrollo Asunción, 2006.

